



Comunicação, Discursos da Diferença e Biopolíticas do Consumo: Reflexões Teórico-Conceituais sobre o Consumo de Música Erudita entre Jovens na Cidade de São Paulo¹

Nathália Marques Araújo²

Graduanda da ESPM-SP

Resumo

O presente artigo visa entender como se dá o processo do consumo de música erudita pelo público jovem na cidade de São Paulo, além da descrição dos diferentes perfis de jovens que consomem esse gênero musical na cidade. Para isso, o estudo se inicia com uma análise acerca do conceito de cultura, em seguida passamos para o conceito de *Indústria Cultural* e finalizamos com a definição de música e também do conceito de música clássica ou erudita e, em seguida, trazemos uma contextualização da música erudita no Brasil bem como brevemente na cidade de São Paulo.

Palavras-chave: Cultura; *Indústria Cultural*; música; juventude.

Este artigo desdobra-se de nossa pesquisa monográfica em andamento. Levar uma fração desse estudo, ainda inicial, à discussão em um congresso como o COMUNICON representa uma significativa possibilidade de diálogo contributiva para o alargarmos nossas perspectivas. A nossa temática –o consumo de música erudita por jovens na cidade de São Paulo – entendemos, vai ao encontro da ementa do GT 9 - *Comunicação, discursos da diferença e biopolíticas do consumo*.

Muito embora a questão problema de nosso projeto monográfico seja: Como se dá consumo de música erudita por jovens na cidade de São Paulo? Para a trajetória

¹Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho 9 - COMUNICAÇÃO, DISCURSOS DA DIFERENÇA E BIOPOLÍTICAS DO CONSUMO, do 2º Encontro de GTs de Graduação - Comunicon, realizado dia 14 de outubro de 2016.

²Estudante do sétimo semestre da graduação de Comunicação Social (Publicidade e Propaganda), pela ESPM. Escreveu este artigo sob a orientação de Rosilene Marcelino. E-mail: nathalia_marquesaraujo@hotmail.com.



deste artigo tivemos como base o seguinte questionamento: Qual a relação entre os conceitos de cultura, *Indústria Cultural* e música erudita? Esta questão aponta para o objetivo deste *paper* que, de largada, esclarecemos, é trazer a reflexão teórico-conceitual desenvolvida até aqui e constitutiva do primeiro capítulo de nossa monografia.

O conceito de cultura

Conforme Bauman (2012), até meados do século XX, a cultura era vista como uma forma de aplicação homeostática, que mantinha um equilíbrio com o tipo de realidade que era reproduzido monotonamente numa rotina diária. Atualmente a cultura é crescentemente vista como uma espécie de faca pressionada contra o futuro. Trata-se de uma força que segue por novos caminhos. Ela critica as realidades instantâneas e explora alguns meios diferentes de estar no mundo. A cultura é também considerada pelo autor, tanto um campo de batalha como um parque de diversões de modas em confronto; já deixou de ser uma instituição com um currículo padronizado e tornou-se uma ferramenta mais de mudança do que de conservação. Além disso, o autor também completa que as redes substituíram as essências em nossa cultura.

O termo cultura entrou no vocabulário moderno como uma declaração de intenções, o nome de uma missão a ser empreendida. O conceito de cultura era em si um lema e um apelo à ação. Tal como o conceito que forneceu a metáfora para descrever sua intenção (a noção de “agricultura”, associando os lavradores aos campos por eles cultivados), era um apelo ao camponês e ao semeador para que arassem e semeassem a terra infértil e enriquecessem a colheita pelo cultivo (Cícero até usou a metáfora ao descrever a educação dos jovens usando a expressão *cultura animi*). O conceito presumia a existência de uma divisão entre os educadores, relativamente poucos, chamados a cultivar as almas, e os muitos que deveriam ser objeto de cultivo; protetores e protegidos, supervisores e supervisionados, educadores e educados, produtores e seus produtos, sujeitos e objetos – e do encontro que deveria ocorrer entre eles. (BAUMAN, 2012, p. 13)



Ainda neste raciocínio, em uma entrevista publicada pela Revista Época em fevereiro de 2014, o sociólogo francês Bauman, afirma que a cultura e as artes continuam (e continuarão) resistentes na tentativa de sobreviver à deterioração de valores que a humanidade vive. Para ele, tudo dependerá da vontade e do entusiasmo dos artistas, bem como dos outros agentes culturais, intelectuais, criadores e outros agitadores. Os valores ainda não estão absolutamente degenerados, eles estão simplesmente aparecendo e desaparecendo com muita rapidez, a fim de sedimentar em um conjunto de regras e então se consolidar em um poder imperecível.

Somado a isso, ainda para Bauman (2012), a ideia de cultura foi cunhada com o objetivo de distinguir os fatos "duros" da natureza, "Cultura" significava aquilo que os seres humanos podem fazer e "natureza", aquilo a que devem submeter-se. Contudo, a tendência geral do pensamento social de meados do século XIX, afirmado com Émile Durkheim e o conceito de "fatos sociais", foi "naturalizar" a cultura, ou seja, os fatos culturais podem ser produtos humanos; no entanto, uma vez produzidos, passam a afrontar seus antigos autores com toda a inflexível e indomável obstinação da natureza, e os cuidados dos pensadores sociais centrados na missão de mostrar que isso é dessa maneira e de explicar como e por que são dessa maneira. Foi apenas no final do século XX, de modo contínuo, que essa tendência começou a se inverter: havia chegado a era da "culturalização" da natureza.

O conceito genérico de cultura alimenta-se de partes subestimadas e não declaradas de seu correlativo diferencial. Nesse sentido, é um corolário indispensável de seu principal adversário. Quanto mais êxito obtém o conceito diferencial em dividir o cenário humano numa multiplicidade de enclaves autossuficientes e sem relação entre si, mais forte é a necessidade de enfrentar o problema da unidade essencial da espécie humana. O que se procura não é uma unidade biológica, pré-cultural, mas o alicerce teórico da relativa autonomia e peculiaridade da esfera cultural, em geral, e do conceito diferencial, em particular. (BAUMAN, 2012, p.89)

Contudo, para Bourdieu (2007), as práticas culturais, bem como as preferências em assuntos como música, arte, mídia, política, esporte, educação, entre outros, estão diretamente ligadas ao nível de instrução do indivíduo, calculados pelos



diplomas escolares, ou também pela quantidade de anos estudados, e em seguida pela herança familiar. Para o autor, o gosto sobre determinado assunto ou matéria classifica e distingue, e assim, pode tanto afastar como aproximar ou distanciar as pessoas por essa afinidade, ou não, de pensamentos e ideias.

De acordo com o autor, as preferências culturais dos indivíduos são estruturadas com a transmissão de capital cultural nas escolas além do que é herdado pela família que podem vir a ser efetuados de maneira precoce ou tardia. Sendo assim, as práticas sociais estão diretamente ligadas à classe social, ou seja, as práticas sociais são capazes de distinguir o gosto legítimo do burguês, de classe média ou da classe popular. Assim é de grande importância deixarmos claro que um gosto da mais alta cultura burguesa em matéria de música é associado com mais frequência às classes dominantes do que às classes populares e vice-versa. No caso da música erudita que toma centro neste artigo, é mais fortemente associada às classes dominantes, especialmente devido à aura, de certa forma distante, que esse gênero musical traz consigo.

Assim, as diferenças inexplicadas pela relação com o capital escolar e que se manifestam, principalmente, na relação com a origem social, podem referir-se tanto a diferenças no modo de aquisição do capital cultural atualmente possuído quanto a diferenças relativas ao grau de reconhecimento e garantia atribuído a este capital pelo diploma [...] (BOURDIEU, 2007, p.78)

O conceito de *Indústria Cultural*

Passando a discutir o conceito de *Indústria Cultural*, devemos saber que em meados do século XX, Adorno e Horkheimer (2006), ambos pensadores alemães e que pertenciam à Escola de Frankfurt, cunharam o conceito de *Indústria Cultural*, querendo, com isso, reunir nesse conceito o que o sistema capitalista influenciou na sociedade da época, e que vale ainda, em certa medida, para a nossa sociedade de hoje. Este conceito foi criado no período em que o mundo passava pela Segunda Grande Guerra, e sendo assim, grandes transformações tecnológicas, bem como nos meios de comunicação, eram consideráveis nesta altura.



Para Adorno e Horkheimer (2006), a cultura transformou-se em mercadoria, e os produtos culturais passaram a ser uniformizados, uma vez que a produção cultural agora era orientada para mercado, a fim de atender a demanda cada vez maior do novo perfil de consumidores que surgia. Para os autores, nas sociedades massificadas a *Indústria Cultural* é primordial na formação da consciência coletiva. Os produtos desta indústria dependem especialmente do mercado, e são criados com a finalidade de promover a compensação satisfatória e efêmera das necessidades dos indivíduos. Dentro desta definição, os produtos derivados da cultura, como música, filmes, teatro, passam a ter a mesma aparência, pautada em um caráter objetivo.

O mundo inteiro é forçado a passar pelo filtro da *Indústria Cultural*. A velha experiência do expectador de cinema, que percebe a rua como um prolongamento do filme que acabou de ver, porque este pretende ele próprio reproduzir rigorosamente o mundo da percepção quotidiana, tornou-se norma da produção. (ADORNO E HORKHEIMER, 2006, p. 104)

Para Adorno (2008), a arte representa a possibilidade de uma experiência com sentido livre em si mesma, ou seja, que seja liberta dos padrões impostos pela sociedade, assim como pela Indústria Cultural. Somado a isso, de acordo com Adorno, a arte representa o retorno ao belo natural, ao reino da liberdade e daquilo que não foi submetido ao estado de dominação imposto pela racionalidade do capitalismo. Para o autor, a arte é a única condição que ainda nos resta para criticar o sistema social, cativado pela falsidade.

Uma coisa e, ao mesmo tempo, priva-os dela, é processo idêntico e semelhante. [...] O princípio básico consiste em lhes apresentar tanto as necessidades, como tais, que podem ser satisfeitas pela indústria cultural, quanto em, por outro lado, antecipadamente, organizar essas necessidades de modo que o consumidor a elas se prenda, sempre e tão só como eterno consumidor, como objeto da indústria cultural. (ADORNO, 2008, p.37)

A partir da leitura de Cohn (2008), percebemos em suas análises que quando consideramos o conceito de *Indústria Cultural* nos dias de hoje, devemos considerá-lo dentro de certas circunstâncias, no entanto ele não deixa de existir. Uma delas é a



multiplicidade de sistemas, pois com o surgimento da *Era da Informática*, a *Indústria Cultural* passa a ser um subsistema que se integra em um composto bem maior.

A fim de compreendermos o conceito cunhado por Adorno e Horkheimer, é necessário entender também a complexidade do consumo. Conforme o antropólogo brasileiro Rocha (2005), que realiza estudos acerca da comunicação e do consumo, a verdadeira necessidade suprida pelo consumo é a necessidade simbólica, uma vez que se trata de algo semelhante a um código, no qual é traduzido parte das nossas relações sociais. De certa forma, para o autor, ao consumir, o indivíduo, mesmo de maneira inconsciente, transmite uma mensagem a respeito de si mesmo, mensagem essa que permite que ele se encaixe em determinado grupo social.

Tudo o que é consumido por nós está impregnado de valores públicos e codificado de forma tal que este mundo dos bens transmite mensagens sobre nós, sinalizando proximidade ou distância em relação ao outro. (ROCHA, 2005, p. 136).

Com base nestas análises, podemos concluir que a música erudita é um produto cultural, que por sua vez, por um lado, é independente, por outro, não; e quem a consome, procura suprir a necessidade simbólica de transmitir uma mensagem aos outros, e de certa forma busca também um *status* ou reconhecimento social.

A música erudita: definição e perspectiva histórica

No Dicionário Michaelis (2008) de língua portuguesa, encontramos para a palavra "música" a seguinte definição: "a arte e técnica de combinar sons de maneira agradável ao ouvido; coleção de papéis ou livros em que estão escritas as composições musicais."

Passando da ideia de música para o conceito de música erudita, também conhecida por muitos como música clássica, sinfônica ou de concerto, de acordo com o Dicionário Grove de Música (1994), o termo *Música Clássica* é aplicado à variedade de músicas de diversas culturas, e é usada para indicar qualquer música que é fruto do saber e não de tradições populares ou folclóricas; no entanto, vale contrapor que as músicas folclóricas, bem como as de origem popular também são produto de



bastante sabedoria e conhecimento, e, ponderamos, não somente a música clássica, como mencionado no dicionário.

Ainda tendo como base o dicionário Grove de Música (1994), o principal uso da música clássica relaciona-se ao idioma do classicismo vienense, que floresceu no final do século XVIII e início do século XIX, sobretudo pelas mãos dos compositores eruditos: Joseph Haydn, Wolfgang Amadeus Mozart e Ludwig Van Beethoven. A música erudita destaca-se de maneira geral, pela maior importância dada ao elemento instrumental do que o vocal. A clareza estética característica deste gênero musical é definida particularmente pelo uso da dinâmica, do equilíbrio, estrutura periódica e ritmo harmônico, a fim de dar definição a formas em larga escala, junto com o uso da modulação, para construir longas arcadas de tensão e relaxamento, além da mistura espirituosa, tipicamente austríaca de traços sérios e cômicos.

A fim de expandir o nosso repertório teórico acerca dos temas "música" e "música erudita", realizamos uma entrevista com o atual presidente da Ordem dos Músicos do Brasil (OMB), músico profissional, maestro e professor de música Roberto Bueno. Nesta ocasião, ele declarou que a música sempre despertou o amor e a esperança; no entanto, é uma arte que exige muita técnica, estudo e dedicação, especialmente em se tratando de música erudita. O maestro ainda afirma que desde a pré-história o homem fazia uso de sinais sonoros para se comunicar. No Egito, por exemplo, a música estava diretamente ligada ao culto aos deuses. A harpa, o alaúde e a lira, eram muito usados de acordo com as falas de nosso entrevistado.

De acordo com o regente e pesquisador especializado em música antiga luso-brasileira, autor da coleção *Música no Brasil nos séculos XVIII e XIX*, Funarte 2001, Ricardo Bernardes³, quando nos referimos ao contexto do Brasil, a música erudita brasileira, bem como os compositores desse gênero musical no país, ainda são um universo com pouco conteúdo e, de maneira geral, inexplorados, tanto pelos próprios brasileiros, como também pelos estrangeiros; diferentemente da Música Popular

³Disponível em: <http://dc.itamaraty.gov.br/publicacoes/textos/portugues/revista12.pdf>. Acesso em: ago. 2015. Acesso em: ago. 2015.



Brasileira ou MPB, que é vangloriada pelos meios de comunicação de massa e bastante reconhecida nacional e internacionalmente como símbolo nato da cultura brasileira.

Em outra entrevista também por nós realizada com o músico e ex-regente titular da Orquestra Sinfônica de Barcelona, o maestro e professor Kléber Mazziero de Souza, reconhecemos que a música erudita no Brasil está diretamente ligada à Igreja Católica e ao início da colonização do país pelos portugueses em 1808 e perpetua pelos cinco séculos de mutações e apropriações da cultura no Brasil; e o nome de maior destaque quando se diz respeito a música erudita brasileira é o compositor Heitor Vila Lobos. O músico ainda afirma que o paulista, bem como o brasileiro de uma maneira geral, consome muito mais a música erudita europeia, uma vez que apresenta uma quantidade bem maior de compositores, e também uma enorme variedade maior de músicas. Ainda conforme Kléber, o que caracteriza a música erudita a diferencia dos outros gêneros musicais, é o fato de ela ser grafada em uma partitura com uma linguagem proveniente de um histórico discursivo. E é justamente isso que a diferenciava da música popular, uma vez que a música popular não era registrada, mas sim transmitida por tradição oral, sem a erudição da grafia, conforme a fala do músico.

Para Bueno (2011), ao falarmos do principal compositor erudito brasileiro, nascido em 1887, o carioca Heitor Vila Lobos apresenta destaque nesse gênero musical no país, uma vez que foi o principal responsável pela transposição da linguagem peculiarmente brasileira na música. Ele é considerado o principal expoente da música da era moderna no Brasil. Compôs obras que valorizam o espírito nacionalista, pois ele introduz em suas composições alguns elementos das canções folclóricas, populares e indígenas, no entanto algumas de suas composições ainda trazem marcas dos estilos europeus; principalmente influências do alto romantismo francês. Em 1922, na Semana de Arte Moderna, ao lado dos modernistas Mario de Andrade e Oswald de Andrade, Vila Lobos participou no Teatro Municipal de São Paulo.



No cenário paulistano atualmente, conseguimos perceber ainda muito fortemente a presença da música erudita. Temos na cidade de São Paulo alguns espaços dedicados à realização de concertos que homenageiam a música erudita nacional e internacional, como a Sala São Paulo, o Teatro Municipal de São Paulo, o Centro Cultural São Paulo, Teatro São Pedro, entre outros. Alguns deles serão estudados mais detalhadamente ao longo da nossa monografia que vem sendo escrita.

Todavia, com nosso trabalho monográfico buscamos direcionar o nosso olhar para projetos voltados a jovens como é o caso da Fundação OSESP, e o Instituto Baccarelli. O projeto monográfico tem como principal objetivo estabelecer um estudo comparativo entre o público jovem da Fundação OSESP com o público jovem do Instituto Baccarelli.

Considerações finais

O presente artigo buscou, principalmente, apresentar um embasamento teórico acerca de três conceitos muito importantes para o trabalho monográfico que está sendo produzido. São eles: cultura, *Indústria Cultural* e música erudita. Iniciamos o texto com uma discussão em torno da cultura, sua definição de acordo com os pensadores Bauman (2012) e Bourdieu (2007), que afirmam principalmente que a cultura está sempre sofrendo mutações para se adaptar aos novos valores sociais. Em uma segunda parte, entramos no conceito de *Indústria Cultural*, cunhado por dois pensadores alemães Adorno (2006) e Horkheimer (2006), que apontam que os produtos culturais se transformaram em mercadoria para satisfazer as necessidades efêmeras dos indivíduos. E para finalizar este artigo, definimos o que é a música, bem como a música erudita, além de apresentarmos uma perspectiva histórica, tanto no Brasil, como fora dele. Estes três conceitos são os principais pilares teóricos do nosso projeto e o artigo busca estabelecer uma dinâmica entre os três.

Referências



BUENO, Roberto. Presidente da Ordem dos Músicos do Brasil (OMB), proprietário do Conservatório Nacional de Cultura Musical (CNCM), músico, multinstrumentista, arranjador, promotor musical, escritor e compositor.

MAZZIERO, Kleber. Maestro, Maestro, foi regente titular da orquestra sinfônica de Barcelona e maestro convidado da orquestra sinfônica de São Petesburgo; regeu e dirigiu três óperas, entre inúmeros concertos na Europa e nos EUA. Autor de sete discos que mesclam música erudita, popular e coral. Regente de diversos corais no Brasil (Banco Fiat, União Cultural Brasil-Estados Unidos, Banco do Brasil, Secretaria Municipal do Verde e do meio ambiente). Atualmente é o regente do coral da ESPM.

Livros

ADORNO, Theodor W.; HORKHEIMER, Max. Dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos. p. 11-17; p. 99-139. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

ADORNO, Theodor. Teoria estética. Lisboa: 70, 2008.

ALVES, Magda. Como escrever teses e monografias: um roteiro passo a passo. São Paulo: Campus, 2006.

ANGROSINO, Michel. Etnografia e Observação participante. São Paulo: Artmed, 2009.

BACCEGA, Maria Aparecida (org.). Comunicação e culturas do consumo. São Paulo: Atlas, 2008.

BAUMAN, Zygmunt. Ensaio sobre o conceito de cultura. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2012.

BAUMAN, Zygmunt. A cultura no mundo líquido moderno. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2012.

BAUMAN, Zygmunt. Vida para Consumo: a transformação das pessoas em mercadoria. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2007.

BOURDIEU, Pierre. A distinção: crítica social do julgamento. São Paulo: Edusp; Porto Alegre, RS: Zouk, 2007.

BUENO, Roberto. Pequena História da Música Brasileira. Jundiaí: Keyboard Editora Musical Ltda. 2011.



CERVO, Amado Luiz; BERVIAN, Pedro Alcino; SILVA, Roberto da. Metodologia científica. São Paulo: Pearson Education do Brasil, 2007.

COHN, Gabriel. Indústria Cultural como conceito multidimensional. In: BACCEGA, Maria Aparecida (org.). Comunicação e Culturas do consumo. p. 65-75. São Paulo: Atlas, 2008.

DURKHEIM, Émile. As regras do método sociológico. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

GROVE, George. Dicionário Grove de Música. Rio de Janeiro: Zahar Editora, 1994.

LIMA, Manolita Correia. Monografia: a engenharia da produção acadêmica. São Paulo: Saraiva, 2008.

McCRACKEN, Grant David. Culture and Consumption. p. 94-100. Midland: USA, 1990.

MICHAELIS: dicionário escolar de língua portuguesa. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2008.

SEVERINO, Antônio Joaquim. Metodologia do trabalho científico. São Paulo: Cortez, 2007.

SLATER, Don. Cultura do Consumo e Modernidade. São Paulo: Nobel, 2002.

Artigos

FREIRE FILHO, João; FERNANDES, Fernanda M. Jovens, Espaço Urbano e Identidade: Reflexões sobre o Conceito de Cenas Musical. INTERCOM - XXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Rio de Janeiro, Uerj, 2005.

LÚCIA ENNE, Ana. Juventude como espírito do tempo, faixa etária e estilo de vida: processos construtivos de uma categoria chave da modernidade. Comunicação, mídia e consumo. São Paulo: vol. 7, no 20, p. 13 a 35, 2010.

MATIJEWITSCH, Fernando. Indústria Cultural, Música Popular Massiva e Cenas Musicais: sobre a construção da narrativa midiática e discursiva de SonicHighways. INTERCOM - XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Rio de Janeiro: Uerj, 2015.



ROCHA, Everardo. Culpa e prazer – imagens do consumo na cultura de massa. Revista Comunicação, mídia e consumo, São Paulo, volume 2, número 3, p. 123, mar. 2005.

SUNKEL, Guillermo. Una mirada. La cultura desde el consumo. En libro: Estudios e otras prácticas intelectuales latinoamericanas en cultura y poder. Daniel Mato (compilador). CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, Caracas, Venezuela, 2002.

Sites

MINISTÉRIO DAS RELAÇÕES EXTERIORES. Música Erudita Brasileira.
Disponível em
<<http://dc.itamaraty.gov.br/publicacoes/textos/portugues/revista12.pdf>>

REVISTA ÉPOCA. Zygmunt Bauman: "A cultura é um campo de batalha e um parque de diversões".
Disponível em <<http://epoca.globo.com/ideias/noticia/2014/02/bzygmunt-bauman-b-cultura-e-um-campo-de-batalha-e-um-parque-de-diversoes.html>>